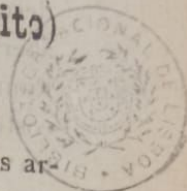


Os descobrimentos arqueológicos do Luksor (Egito)



Quem não ouviu falar ainda dos recentes descobrimentos arqueológicos do Egito? Durante vários meses, publicaram as revistas e jornais minuciosas descrições dessas riquezas, escondidas durante 35 séculos e desenterradas há pouco tempo no *Vale dos Reis*, junto à cidade de Luksor, antiga Tebas, capital do Egito dos Faraós. Foi tal a curiosidade que as escavações excitaram em todo o mundo, que muitos turistas vieram de longe só com o fim de verificar com seus próprios olhos o que as revistas propalavam. Entre os visitantes, contam-se a Rainha Isabel da Bélgica e o Príncipe herdeiro Leopoldo. Jornais houve, principalmente ingleses, que enviaram correspondentes especiais, encarregados de telegrafar cada dia o resultado dos trabalhos; e foram sem número as fotografias e películas cinematográficas obtidas pelos arqueólogos e amadores que acorreram ao local das sepulturas.

Depois de tanta publicidade, parece talvez tardia e descabida na *Brotéria* a presente notícia. Em todo o caso, os seus leitores não levarão a mal que ao menos se digam duas palavras sobre o assunto, visto recommencarem no próximo outono as escavações, interrompidas por causa dos excessivos calores tropicais. Essas palavras não serão mais que um resumo das principais notícias publicadas em várias revistas e principalmente dum interessante artigo, impresso no número de março da revista francesa *Etudes*, cujo autor, Padre Aleixo Malon S. J., se encontrou em Luksor no mesmo dia em que se acabou de descobrir a escadaria de entrada para o jazigo real.

Há já anos, o conhecido arqueólogo inglês, Lord Carnavon, custeando tôdas as despesas, dirigia pessoalmente ou por meio de representantes seus, uma parte das escavações nos arredores da antiga Tebas, onde se depositavam os cadáveres embalsamados dos reis do Egito juntamente com as riquezas e alfaias que em vida lhes haviam pertencido. No dia 4 de novembro do ano passado, uns 50 trabalhadores às ordens do arqueólogo inglês, Howard Carter na ausência de Lord Carnavon, acabaram de

descobrir uma escadaria de pedra que comunicava com uma porta aberta na mesma rocha, não longe das sepulturas de Seti I e de Ramsés VI. Carter, reconhecendo numa das pedras o selo que costumavam colocar nas sepulturas régias, telegrafou a Lord Carnarvon pedindo-lhe que viesse assistir pessoalmente à continuação das escavações. Foi só na presença deste último que recommençaram os trabalhos. Logo ao princípio, encontraram na parede vestígios de violação, levada a cabo em tempos também muito remotos, a julgar pelo selo do rei Ramsés IX, que se conservava intacto sobre a parte recomposta. Desobstruída a entrada, apareceu uma galeria de 8 metros de comprimento, inteiramente subterrânea. Entre fragmentos de caixas, colunas e outros objectos, puderam os arqueólogos chegar a um grande montão de pedras e, removidas estas, a uma espécie de sala, aberta num plano inferior 60 centímetros ao da galeria que a punha em comunicação com o exterior. É de notar que na primeira parte já os dois arqueólogos tinham descoberto emblemas alusivos ao Faraó Tut-Ankh-Amon, que reinara durante 9 anos no século XIV a. C.

Bem pequena celebridade deixou este rei, e o pouco que dele se conhece por algumas inscrições apenas nos diz que restaurou o culto de Amon (por isso o seu nome Tut-Ankh-Amon significa *imagem viva de Amon*), abolido por seu antecessor Amnenophis IV, que se propusera combater a todo o transe o politeísmo. Sabemos também que da cidade de Tell el-Amarna voltara de novo com a sua corte para a antiga capital Tebas. A pintura ou emblema da porta viu-se confirmada com as dos objectos encontrados, já na primeira sala. Os arqueólogos estavam de facto no túmulo de Tut-Ankh-Amon, que eles buscavam havia tantos anos como consequência, segundo se diz, dum exame minucioso de certos papiros existentes no museu de Turim. À luz fraca dalgumas velas, encontraram-se de repente entre verdadeiros tesouros. Não viam senão ouro e prata por toda a parte: caixas, cofres, carros, leitos, barras de ouro, estátuas, vasos, etc. etc.; tudo porém em grande desordem, e com sinais bastante prováveis de violação. No fundo da primeira sala via-se outra porta que comunicava com um compartimento semelhante ao primeiro, e no qual estavam amontoados do mesmo modo inúmeros objectos duma preciosidade incomparável. Entre estes últimos,

salienta-se o trono real, de madeira coberta de lâminas de ouro, tendo pintados no espaldar o rei e a rainha, êle sentado à moda egípcia e ela de pé. As poltronas reais estavam literalmente cobertas de engastes de turquesas, lápis-lázuli, ágatas e outras pedras preciosas, terminando os braços em forma de cabeça de leão, e imitando os pés as garras do mesmo animal. Junto ao trono, estavam colocados quatro grandes vasos de alabastro duma forma desconhecida até então, contendo ainda resíduos secos de bálsamos aromáticos; em hieroglífos, lia-se em cada um dêles a inscrição *Por milhares de anos*. Além do trono, sobresaem igualmente, entre os objectos mais preciosos, três leitos de ébano com incrustações de marfim e lâminas de ouro: um em forma de leão, outro de hipopótamo, e o terceiro imitando a vaca sagrada de Hathor, cujas patas são os quatro pés do leito, não faltando o disco solar entre as pontas do animal. Será êste símbolo uma reminiscência do culto ao Deus único representado pelo astro-rei, e que tentou restabelecer Amenophis IV contra a vontade dos sacerdotes e sequazes do politeísmo? Em peças separadas, estavam também junto à parede dois carros de rodas doiradas com emblemas de guerra e o *brasão* hieroglífico, chamemo-lo assim, de Tut-Ankh-Amon. As caixas, cofres, etc. destas duas primeiras salas passavam talvez de 100. Havia-os dum labor finíssimo, e na tampa dum dêsses cofres via-se representada por meio de embutidos uma caçada em que tomara parte o rei com a sua côrte, lançando aquele setas contra vários leões e um antílope. É pena que os trajes e outras alfaías estejam bastante deteriorados; conservam-se porém perfeitamente os adornos de pedras e metais preciosos. Só uma das túnicas continha milhares de pérolas e pedras raríssimas. Noutros cofres encerravam-se colares, sendo um de âmbar preto, sandálias e chinelas cheias de pedrarias e grande quantidade de provisões para o morto, como patos embalsamados e outras aves.

Depois de recolhidos e separados com grande cuidado todos os objectos das duas primeiras salas, decidiram-se os dirigentes a prosseguir as escavações, visto terem dado com uma terceira porta, colocada entre duas estátuas de pé em posição de a guardar. Na presença de várias autoridades egípcias e dalguns arqueólogos, abriu-se esta porta no dia 16 de fevereiro, sendo Lord Carna-

von e Carter os primeiros que por ela entraram na sala contígua, onde encontraram um sarcófago que encerrava por sua vez uma caixa igualmente fechada. Conterá esta algum cadáver mumificado?

O *palácio* mortuório não termina aqui, pois outras duas portas, uma delas selada, indicaram aos exploradores que novas surpresas os esperavam. Efectivamente, entrando por uma delas, descobriram um grande compartimento que guardava uma espécie de baú ou cofre todo chapeado de ouro e ladeado por quatro estátuas e outros objectos. A fôrça de calor porém impediu a continuação dos trabalhos. Todos os objectos retirados foram transportados provisoriamente para o grande museu do Cairo, e para evitar roubos e possíveis vandalismos de profanos, tão comuns nas explorações arqueológicas, cobriram todo o local com um elevado monte de terra, ladrilhos, areia, etc. No outono dêste ano, recommearão as escavações, depois de desobstruída de novo a entrada. Pelo menos era isto o que se tinha determinado na primavera passada antes dum acontecimento que veio pôr termo bastante triste a esta primeira parte dos trabalhos: Lord Carnavon, o chefe generoso de toda a campanha arqueológica, por efeito, talvez dos grandes calores, ou por uma complicação pulmonar (alguns dizem que pela picadura dum insecto venenoso), faleceu recentemente na mesma cidade do Cairo, sendo inúteis todos os esforços que as maiores sumidades médicas empregaram para o salvar. Não é de crer porém que por causa dêsse infausto acontecimento deixem de prosseguir as escavações, porque a egiptologia vai despertando cada dia mais interesse, sendo muitas as corporações científicas, inglesas, americanas e francesas, que actualmente custeiam e dirigem os trabalhos de exploração.

O que até agora se encontrou no túmulo de Tut-Ankh-Amon não dá muita luz nem sobre o seu reinado, nem sobre a história geral do Egito. A particularidade dêste descobrimento está sobretudo no riquíssimo espólio funerário, encontrado quasi intacto depois de tantos séculos.

Encerrarão as galerias e os compartimentos não abertos ainda por Lord Carnavon e Carter a tão buscada múmia real? As

escavações futuras no-lo dirão : e pode muito bem ser que as revistas e jornais voltem a dar-nos conta de achados não menos interessantes e não menos valiosos que os primeiros.

E. JALHAY.



Os progressos e serviços da aviação nos diferentes países

Quatro são as principais nações onde a aviação tem mais progredido e mais relevantes serviços tem prestado à indústria e ao comércio. Uma, do novo continente e três da velha Europa.

Apenas acabada a guerra europeia, tão grande impulso deram os Estados Unidos, a Inglaterra e a França aos transportes aérios e em geral à aeronáutica, que parece coisa admirável como tantas e tão diversas aplicações pudessem ter os aviões.

Porém a quarta nação, ainda que a última no tempo, pois só há pouco ⁽¹⁾ é que se achou desatada das peias que os aliados lhe deitaram, a Alemanha mostra uma tal actividade, que não será para maravilhar se dentro em breve a virmos à frente das primeiras nações aviadoras. Os franceses já se mostram receosos do futuro debaixo d'este ponto de vista, pois vêem por tôda a parte ressurgir a indústria aeronáutica alemã. E assim é na verdade, e para prova passo a transcrever parte dum artigo que Jacques Mortane inseriu na revista «L'Air» de 20 de janeiro d'este ano, que nos mostrará bem claro a fôrça industrial desta nação.

«Depois da guerra, os aliados deixaram à Alemanha um cento de aparelhos que foram empregados em diversas linhas aérias. Com êste material precário, obtiveram os seguintes resultados desde o 1.º de abril a 31 de outubro de 1921: 1.600.000 quilómetros percorridos, 6.800 passageiros, 81.000 quilos de correio e merca-

(1) Só a 5 de maio de 1922 é que a assembleia dos Embaixadores permitiu à Alemanha a construção de aviões.